

EDUCAR E INCLUIR: PRODUÇÃO DE RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DO PIBID

Luzia Costa Fontes¹

Tatiane Helen Souza Santos²

Rayane Lopes dos Santos³

Angela Andrade Calhau⁴

Bruno Rodrigues Da Silveira⁵

Resumo

A inclusão de estudantes com necessidade específicas tem sido cada vez mais um fator desafiador no campo educacional, tanto pelas demandas diversas, quanto pela complexidade das adaptações e dos recursos disponíveis para que seja possível garantir acessibilidade de forma integral. Deste modo uma das ações desenvolvidas no Colégio Aurino Fausto dos Santos - Extensão, no município de Ubaíra, Bahia, junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano Campus Santa Inês é buscar adaptar atividades e materiais que auxiliem no processo de ensino de geografia. As ações estão vinculadas ao Subprojeto Interdisciplinar integrando as áreas de Biologia e Geografia e buscam aperfeiçoar experiências de formação para o exercício da docência, promovendo práticas pedagógicas interdisciplinares. Nesse contexto, o presente trabalho, tem como objetivo apresentar ações desenvolvidas no âmbito do PIBID quanto a adaptação de atividades que garantam a acessibilidade de estudantes com alguma necessidade específica. Para tanto contribuições de Freire (1996); Mantoan (2003); Santos (1996); Callai (2001) entre outros autores especialistas em educação inclusiva, geografia, ensino e prática docente deram embasamento teórico para este trabalho. E de forma prática entre as ações desenvolvidas, foi possível perceber a participação e o engajamento dos estudantes no processo de ensino aprendizagem quando as atividades eram adaptadas. E os bolsistas do PIBID, que são professores em formação, tiveram a oportunidade de refletir sobre a prática docente em meio as dificuldades enfrentadas no chão da sala de aula, quando com pouco ou nenhum recurso dar lugar a criação de material do zero e o quanto desafiador na prática docente.

¹ Licencianda em Geografia pelo Instituto Federal Baiano de Ciência, Educação e Tecnologia Baiano Campus Santa Inês e Bolsista do PIBID. E-mail: luzia.ifbaiano@gmail.com

² Licencianda em Geografia pelo Instituto Federal Baiano de Ciência, Educação e Tecnologia Baiano Campus Santa Inês e Bolsista do PIBID. E-mail: tatyhellen567@gmail.com

³ Licencianda em Geografia pelo Instituto Federal Baiano de Ciência, Educação e Tecnologia Baiano Campus Santa Inês e Bolsista do PIBID. E-mail: lopesrayane079@gmail.com

⁴ Professora de Geografia da rede municipal de Ubaíra – BA, supervisora do PIBID/NID Mucuri. E-mail: profacalhau@gmail.com

⁵ Professor Doutor de Geografia do IF Baiano Campus Santa Inês, coordenador de área do PIBID, IF Baiano, Campus Santa Inês e orientadora de projetos de iniciação à docência. E-mail: bruno.silveira@ifbaiano.edu.br





Palavras-chave: Educação Básica; Educação Inclusiva; Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID); Formação Docente; Ensino de Geografia.

Introdução

O presente trabalho é fruto das experiências vivenciadas durante o primeiro semestre do ano letivo 2025, no Colégio Municipal Aurino Fausto dos Santos – Extensão, no município de Ubaíra, Bahia, escola parceira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano *Campus* Santa Inês junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) faz parte do Plano Nacional de Formação de Professores da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que é vinculado ao Ministério da Educação (MEC).

Os registros descritos aqui, fazem parte das reflexões das atividades desenvolvidas frente ao subprojeto “Tornar-se/Ser Docente: uma trajetória multirreferencial identitária da formação inicial à professoralidade” que tem a Educação Ambiental como tema central, ações interdisciplinares vêm sendo desenvolvidas, nas áreas de atuação tanto da Licenciatura em Ciências Biológicas quanto em Geografia, nas etapas Ensino Fundamental (anos finais), Ensino Médio e na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). A proposta adota uma proposição de valorização da formação docente articulada a prática, considerando a formação docente na promoção social nos Territórios de Identidade Vale do Jiquiriçá⁶ em que o IF Baiano está inserido.

O Colégio Aurino Fausto dos Santos - Extensão, tem sido importante espaço de experimentos pedagógicos para os bolsistas das Licenciaturas em Ciências Biológicas e Geografia. E como uma escola pública da educação básica, possui um perfil de estudantes plural e heterogêneo, incluindo aqueles com trajetórias diversas, entre eles estudantes com deficiência, incluindo aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O foco principal deste relato é apresentar ações das experiências desenvolvidas sobretudo com os estudantes

⁶ Este recorte espacial é composto por 20 municípios, são eles: Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafayette Coutinho, Laje, Lajedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra (SEPLAN, 2015).





necessitam de adaptações na transposição didática dos conteúdos de forma diversificada e inclusiva.

Metodologia

As atividades foram desenvolvidas no primeiro semestre de 2025, com turmas do 8º ano A do Colégio Municipal Aurino Fausto dos Santos – Extensão, localizada no município de Ubaíra–BA. A ação foi conduzida pelos Pibidianos (bolsistas do PIBID) do núcleo Mucuri, vinculado ao subprojeto do PIBID do Campus Santa Inês-BA com orientação da supervisora. Inicialmente, foram realizadas observações nas turmas do 8º e 9º ano que são de responsabilidade pela supervisora, visando conhecer as especificidades dos estudantes a partir da observação inicial dos estudantes com deficiência ou TEA.

Com as informações referentes aos estudantes que possuem alguma necessidade específica, foi possível realizar um Planejamento específico conforme os conteúdos de geografia. Após identificar o perfil das turmas realizamos o acompanhamento e atividades foram realizadas no 8º ano A. É válido destacar que o acompanhamento foi realizado nesta turma, mas as atividades eram replicadas nas demais e com adaptações necessárias para cada estudante.

Dentre os 28 alunos das turmas do 8º ano, 5 são portadoras de deficiência (PcD). Diante disso, pensamos em maneiras de tornar o aprendizado mais dinâmico e acessível para eles.

A produção de materiais adaptados se deu de acordo com os conteúdos a serem abordados, bem como conteúdos complementares ligados a diversos níveis de conhecimento em geografia, dentro da educação básica. Deste modo, blocos de atividades impressas adaptadas, maquetes sobre formas de relevo, dominó geográfico com as capitais do Brasil, jogo de cartas sobre Blocos Econômicos, mapa das regiões e dos estados brasileiros, jogo de tabuleiro sobre o continente africano, entre outros, foram produzidos e utilizados em sala de aula.

Antes da aplicação definitiva, os jogos e atividades foram testados pelos Pibidianos, permitindo observação da funcionalidade, a necessidade de adequação e ajuste necessário.



Vale destacar que os materiais produzidos, apenas o mapa das regiões dos estados brasileiros não foi produzido, pois fazia parte do acervo da supervisora, mas os demais foram confeccionados pelos Pibidianos com orientação da supervisora.

Vale destacar que todas as ações desenvolvidas no princípio da educação inclusiva, durante todo o ano letivo de 2025, esteve amparado na Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) que assegura nos artigos 27 e 28 o direito a inclusão em todos os níveis, assegurando o acesso e permanência de pessoas com deficiência.

Ensino de Geografia

Historicamente, o ensino da Geografia esteve concentrado em práticas tradicionais, com práticas conteudistas distante da leitura crítica do espaço geográfico, sendo uma disciplina que tinha o uso de um ensino diretivo como base, onde a memorização e repetição, foram essenciais no processo de ensino-aprendizagem. Negligenciando aos estudantes uma formação que lhes permitisse compreender e intervir no espaço em quem vivem.

Santos afirma que (1996, p. 39), “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.”, reconhecendo o espaço como uma construção coletiva e social. Deste modo, a escola surge como local de transformação, onde os sempre marginalizados tem a oportunidade, através de práticas inclusivas tenham a possibilidade de aprendizagem.

Entretanto, dialogando com Paulo Freire (1996), quanto a este processo, nota-se que este considera que o “Educador que, ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade”. (FREIRE, 1996. p. 33). Diante disto a crítica de Freire quanto à forma como seguiu sendo ensinada uma disciplina tão versátil como a Geografia, sobretudo para os estudantes com deficiência (PCD), incluindo aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que muitas das vezes não é inserido no processo de ensino aprendizagem. Mantoan, 2003 aponta que

A exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras, e quase sempre o que está em jogo é a ignorância do aluno diante dos padrões de





cientificidade do saber escolar. Ocorre que a escola se democratizou abrindo-se a novos grupos sociais, mas não aos novos conhecimentos. Exclui, então, os que ignoram o conhecimento que ela valoriza e, assim, entende que a democratização é massificação de ensino e não cria a possibilidade de diálogo entre diferentes lugares epistemológicos, não se abre a novos conhecimentos que não couberam, até então, dentro dela (Mantoan, 2003, p.13).

Exclusão esta, que está baseada na prática repetitiva, impede a utilização do novo, ou com base em práticas distante da reflexão e inclusão dos estudantes com deficiência ou com TEA, que geralmente são colocados distantes das práticas dentro da sala de aula.

Tal ação vai de encontro com o pensamento de Paulo Freire, quando este afirma que pessoas desenvolvem seus conhecimentos em conjunto e não de maneira individualizada. (SCHMIDT et al (1998), apud FREIRE, 1996). Ou seja, é importante cada vez mais uma desvinculação da ideia “que a geografia não passa de uma disciplina escolar e universitária, cuja função seria a de fornecer elementos de uma descrição do mundo, numa certa concepção ‘desinteressada’ da cultura dita geral” (LACOSTE, 1989, p. 21).

Assim, escola vem cada vez mais se deparando com a necessidade de aprimorar atividades e metodologias que consigam inserir os estudantes, sobretudo, com alguma necessidade específica, buscando auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e facilitar o entendimento destes referentes aos conteúdos. Como em qualquer outra profissão nas situações cotidianas, às experiências em sala de aula, junto ao PIBID, apresentam situações desafiadoras.

Calai (2001, p. 143) contribui sobre o ensino distante da realidade dos estudantes que

“Em geral se descrevem paisagens distantes e, com as próximas, fazem-se descrições tão impessoais que não parecem ser o mundo em que se vive. O grande desafio é tornar as coisas mais concretas e mais reais. Um ensino conseqüente deve estar ligado com a vida, ter presente a historicidade das vidas individuais e dos grupos sociais, com um sentido para buscar o conhecimento existente e conseguir produzir conhecimento próprio.”

Lidar com um público diverso e com especificidades particulares complexas nem sempre dá, ao professor, tempo para ajustes e produções individualizadas. Segundo, Schmidt; Ribas; Carvalho (1998) é importante uma reflexão para que essas dificuldades sejam amenizadas, onde estratégias que facilite o entendimento desses estudantes de forma objetiva lhes sejam apresentadas.





Ainda segundo as autoras supracitadas, é preciso estar atento as transformações do mundo, as diferentes formas de vida e cultura desses estudantes, existindo a necessidade de se modificar as formas de agir diante dessa realidade, a educação deve procurar novas formas de atuar com esses. Deste modo, cabe a escola, auxiliar aos estudantes na construção do conhecimento a partir do arcabouço teórico fornecido pelo acúmulo de material acadêmico afim de que eles os ampliem. Nem que para isso recursos pedagógicos, muitas das vezes, materiais sejam adaptados/confeccionados, para que sejam utilizados sem prejuízos para os estudantes.

Adaptação esta que existe da comunidade escola uma mudança

Sendo ou não uma mudança radical, toda crise de paradigma é cercada de muita incerteza, de insegurança, mas também de muita liberdade e de ousadia para buscar outras alternativas, outras formas de interpretação e de conhecimento que nos sustente e nos norteie para realizar a mudança (Mantoan, 2003, p. 12).

O que nos evidencia a busca por mudanças profundas na educação, com substituição de modelos tradicionais, que eram excludentes por terem um modelo de aplicabilidade homogêneo possibilitando “muita liberdade e ousadia” na construção de práticas inovadoras e contextualizadas a partir da realidade dos estudantes.

Inclusão e Educação: recursos didáticos em sala de aula

Ao reconhecer a diversidade humana e a busca da garantia do direito à educação, é a base para a mudança de paradigma quanto a superação de modelos excludentes que sustentaram durante muito tempo a educação brasileira. E a educação inclusiva, é urgente e possível, contando com compromisso ético, formação continuada e condições para que esta aconteça.

Ainda, Segundo Mantoan (2003),

A escola brasileira é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa dos seus alunos, que são marginalizados pelo insucesso, por privações constantes e pela baixa auto-estima resultante da exclusão escolar e da social — alunos que são vítimas de seus pais, de seus professores e, sobretudo, das condições de pobreza em que vivem, em todos os seus sentidos. Esses alunos são sobejamente conhecidos das escolas, pois repetem as suas séries várias vezes, são expulsos, evadem e ainda são

rotulados como mal nascidos e com hábitos que fogem ao protótipo da educação formal.

Deste modo, a repetência e evasão não são apenas indicadores referente ao rendimento escolar, mas reflexo de uma escola que não compreende e acolhe a diversidade dos sujeitos que a compõe, que respeita sua trajetória e combatendo estigmas. E de fato, a escola deve estar atenta ao planejamento de suas ações observando as condições de vida dos estudantes, uma vez que esta tem ligação com exclusão escolar.

As ações tiveram início com a retomada de conteúdos vistos nas séries anteriores como forma de sondagem e com objetivo de consolidar os conteúdos já estudados. Para tanto, recursos dinâmicos e acessíveis como o Dominó das Capitais do Brasil (Figura 01) foram utilizados, auxiliando na memorização e na associação entre estados e suas respectivas capitais.

Figura 01: Dominó das Capitais do Brasil



Fonte: Acervo do NID Mucuri, 2025

O Mapa dos estados e regiões brasileiras (Figura 02) também forma importantes para a compreensão dos estudantes, facilitando na compreensão da localização dos estados bem como da região que o compõe. A interação e associação das cores do material utilizado é



fundamental para a percepção e interação dos estudantes, sobretudo nos que tem alguma deficiência, incluindo aqueles com TEA.

Figura 02: Mapa dos estados e regiões brasileiras



Fonte: Acervo do

NID Mucuri, 2025

Também foi utilizado um bloco de atividades (Figura 03) com materiais diversos relacionados a geografia de um modo geral, que era respondido ao longo das atividades desenvolvidas e com o auxílio da professora regente, da profissional responsável pelo Atendimento Educacional Especializado – AEE, pelos Pibidianos em classe ou em alguns casos com auxílio de estudantes que com o espírito colaborativo auxiliava no andamento das atividades.



Figura 03: Registro das atividades



Fonte: Acervo do NID Mucuri, 2025

É notório que a utilização desses recursos, contribuíram para que uma base sólida com conteúdos relacionados a série fosse abordados, sendo possível a inserção de diferentes formas de aprender possibilitando que estudantes com deficiência e/ou TEA fossem inclusos.

Conclusão

O presente trabalho respaldou-se em experiências vivenciadas através das ações inclusivas do PIBID através das aulas de geografia. As adaptações realizadas ao longo das ações, possibilitou a utilização de estratégias acessíveis e lúdicas, o que contribui para a promoção de uma educação inclusiva, com estudantes engajados, especialmente com deficiência e TEA com autonomia na construção de conteúdos contextualizados. Deste modo quando adotamos uma postura, de quebra de paradigma, mencionado anteriormente, com adaptações as necessidades dos estudantes acabam por ampliar as possibilidades de ensinar.

Não é tarefa fácil, é um processo complexo, mas a superação de barreiras atitudinais e culturais devem ser superadas, uma vez que a valorização da diversidade deve ser um princípio educativo essencial. Referente a este momento, foi possível notar que cada ação realizada, contou com a participação de todos os estudantes, sendo perceptível um impacto



profundo e produtivo, consequência de uma autoestima construída na base do planejamento individualizado. Com materiais acessíveis estes estudantes, demonstraram a execução por conta própria, a partir da confiança em sua capacidade, dependendo menos de mediação.

Também há uma redução de ansiedade por parte dos estudantes, uma vez que estes, tem a possibilidade de acompanhar as atividades contribuindo para um ambiente além de produtivo, acolhedor. Por fim, almeja-se diante das atividades realizadas, o melhor resultado é estudantes engajados e tendo acesso ao que lhes é de direito dando seguimento aos estudos. E ficamos com as sábias palavras de Mantoan (2003, p.48) “A aparente fragilidade das pequenas iniciativas tem sido suficiente para enfrentar, com segurança e otimismo, o poder da velha e enferrujada máquina escolar. A inclusão é um sonho possível!”.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria CAPES nº 90, de 25 de março de 2024**. Dispõe sobre o regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=14542&anchor=>. Acesso em: 15 set. 2025.

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia? Muda o ensino?**. Ijuí: UNIJUÍ, [s.d.], 2001. Disponível em: <http://observatoriodageografia.uepg.br/files/original/eee33e13728f57024a086f1406dd227d7038eb71.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**/ Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.



MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf> São Paulo: Moderna, 2003. Acesso em: 18 ago. 2025

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, E. & SILVA, M. A pedagogia da transmissão e a sala de aula interativa. In TORRES, P. L. (Org.). **Algumas vias para Entretecer o Pensar e o Agir**. Curitiba: SENAR-PR, 2007.

SCHMIDT, Leide Mara ; RIBAS, Mariná Holzmann ; CARVALHO, M. A. . **A prática pedagógica como fonte de conhecimento**. Olhar de Professor, Ponta Grossa, n.1, p. 9-24, 1998.

SEPLAN. Secretaria do Planejamento da Bahia. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br/> . Acesso em: 29 ago. 2015.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução adaptada disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/ribeiraodasneves/noticias/vem-ai-o-iii-ifmg-debate/zabala-a-pratica-educativa.pdf> . Acesso em: 18 out. 2025.